

mM/F117
Raro

CADERNOS DA AMAZONIA



4

DA HABITABILIDADE
DA AMAZÔNIA

POR

DJALMA BATISTA



PRESIDENCIA DA REPÚBLICA

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZONIA

MANAUS — AMAZONAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
(I N P A)

Rua Guilherme Moreira, 116 — Caixa Postal 478 — Telefone: 12-30

MANAUS — AMAZONAS — BRASIL

Diretor: DJALMA BATISTA

Divisões de Pesquisas:

1.º — Recursos Naturais — Diretor: RAUL A. ANTONY

2.º — Biologia — Diretor: MÁRIO A. P. MORAES

3.º — Pesquisas Florestais — Diretor: WILLIAM A. RODRIGUES

Representação no Rio de Janeiro:

Av. Franklin Roosevelt, 39 — sala 804 — Tel.: 52-4856

que em Codajás (frequência de 27,4). Quanto aos pretos, usando uma fórmula estabelecida por Ottensooser para o cálculo da mistura racial dupla, a percentagem foi a seguinte: em Codajás 51,3; Manaus 35,8; Pernambuco 17,3; Bahia 60,3.

Portanto, embora predominando o sangue índio, na população da Amazônia, podem ser considerados presentes elementos das três etnias (caucasóide, mongolóide e negróide) da mesma forma que na população brasileira, em geral.

E será isto um mal? Decorrerá daí o atraso da Amazônia e a dificuldade de dominá-la, pela fixação do homem?

Excluindo a concepção da superioridade das raças, que já levou a superdesenvolvida Alemanha a perder duas guerras, é preciso convirmos que há uma superioridade cultural das raças. O branco da Europa e da América do Norte é civilizado não por causa do pigmento da pele ou da conformação do crânio, e sim por ter atrás de si mais de um milênio de cultura, a que se incorporaram as heranças oriental, da Grécia, do Império Romano e do Cristianismo.

Que a cultura se transmite e assimila, temos o exemplo recente da transformação de uma raça de cor amarela (a japonesa) e de outra de origem eslava (a russa) ao plano dos povos mais adiantados.

Contrastando com os índios do altiplano andino, que deixaram testemunhos definitivos de sua cultura, nas ruínas de Cuzco, Macchu-Picchu e Tihuanaco, na Amazônia apenas em Marajó e Santarém se recolhem amostras de uma cerâmica indígena realmente artística. Os silvícolas do Século XVII, e os que ainda hoje se encontram com características tribais, pertenciam e pertencem à Idade da Pedra Polida, isto é, são um pouco mais novos apenas, culturalmente, que os homens que primeiro apareceram sobre a Terra.

DADOS FISIOLÓGICOS

Haverá, sob a pressão dos fatores ambientais, alguma modificação na fisiologia do homem amazônico, que contribua para o atraso no povoamento?

CONCEITUAÇÃO DO PROBLEMA

Atentando para o *mappa-mundi*, vemos que a Amazônia está quase toda localizada no Hemisfério Sul, onde as terras representam apenas 19% em relação aos mares, e na mesma situação geográfica do Gabão, Congo, Tanganica e Quênia, na África, e do arquipélago indonésio, na Ásia. Em números, temos o seguinte quadro comparativo:

Superfície e população (relativa e absoluta) dos países da África e Ásia, localizados na mesma posição geográfica da região amazônica continental

<i>Região ou País</i>	<i>Superfície</i>	<i>População (1950 e 1956)</i>	<i>Densidade</i>
Amazônia Continental	6 288 000	4 841 000	0,7
Gabão	167 000	403 000	2,4
Congo (ex-Belga)	2 400 000	12 811 000	5,3
Tanganica	939 000	8 456 000	9,0
Quênia	583 000	6 150 000	10,6
Indonésia	1 491 500	81 900 000	54,9

Fontes: (1) SPVEA — Primeiro Plano Quinquenal, 1955.

(2) Jack Woodis — África: as raízes da revolta — ed. bras., Zahar, 1961.

(3) Geografia Universal — Instituto Gallach — 2.ª ed., 1953.

(4) Pe. Geraldo J. Pauwels — Atlas Geográfico — Melhoramentos, 22.ª ed., 1964.

Preferimos trazer à discussão, inicialmente, a Amazônia como um todo, que poderíamos chamar de Amazônia Continental, compreendendo a parte colombiana, peruana e boliviana, juntamente com a brasileira. Maior que todas as demais nações do lado Sul do cinturão equatorial reunidas, a Ama-

zônia é, dentre elas, a de menor número absoluto de habitantes (excetuado o Gabão, que é pouco maior que o Acre, possuindo porém mais de 3 vezes o seu total de pessoas). A comparação é mais surpreendente quando feita com a Indonésia, que abriga, nas suas 3 000 ilhas, um dos formigueiros humanos. No que diz respeito à densidade demográfica, então, ficamos grandemente distantes de tôdas as regiões da mesma situação geográfica, tendo menos de 1/3 da população relativa do Gabão e 78 vezes menos que a da Indonésia.

Dentro da Amazônia Continental, é o Brasil que possui a área mais extensa (80,4%) sem ser porém a mais desabitada, tendo 64% da população total.

É verdade que a exploração da Amazônia começou há apenas três séculos e meio, com a dominação e a dizimação do elemento nativo, que não foi substituído por grande massas de imigrantes, enquanto nas nações equatoriais da África e da Ásia os autóctones, datando de tempos imemoriais, são ainda uma maioria superior a 95%. Na Amazônia, a população indígena propriamente dita anda por umas 60 000 almas, atualmente, encontrando-se diluída nos "caboclos", que representam, na planície, a reafirmação da tradição brasileira da miscigenação, enquanto na África, negro continua a ser negro, e na pátria de Sukarno, ai de quem tiver sangue holandês.

De todos os países que se encontram na posição geográfica da Amazônia, o que mais se aproxima dela é a atual República do Congo, com suas florestas famosas e cortado por um rio caudaloso. A grande diferença porém é a altitude: na Amazônia, uma planície; no Congo, um planalto.

Na realidade, dentro da faixa de 23° 27' ao Norte e ao Sul da linha do Equador, poucas são as regiões adiantadas, tôdas situadas ou na América ou na Austrália e sempre nas vizinhanças dos paralelos de Câncer e Capricórnio; nenhuma na África e na Ásia.

Em suma, a parte equatorial americana é um vazio demográfico, enquanto as regiões correspondentes asiáticas e

africanas são superpovoadas, e suas características comuns, talvez extensivas às zonas tropicais, são a presença de uma população culturalmente atrasada e a vigência de uma economia tipicamente subdesenvolvida. Para Pierre Gourou⁵, os habitantes das regiões tropicais “atingiram um desenvolvimento intelectual e político muito modesto”.

Que há, portanto, na ecologia do homem amazônico, em face da diluição dêste, de que decorre não ter sido ainda a terra dominada, justificando, nesta altura do desbravamento da planície, a inquietadora pergunta: possui a hinterlândia amazônica satisfatórias condições de habitabilidade?

É isto que tentaremos responder neste trabalho preliminar, passando a apresentar dados e discutir fatos, tanto quanto possível concretos, que esteiem um raciocínio mais claro sôbre o palpitante assunto.

Procuraremos trazer a debate resultados de trabalhos e estudos realizados na própria Amazônia, através de seus homens de ciência, quer isolados, quer, felizmente, nos últimos anos, atuando nos órgãos de pesquisa agora existentes.

DADOS DEMOGRÁFICOS

Um dos fatos que mais impressionaram Pierre Gourou⁶, analisando a geografia da planície, foi a baixa ocupação das suas terras, que apresentava (os raciocínios do famoso geógrafo foram feitos na base do Censo de 1940), em 90,6% da área, menos de 1 habitante por quilômetro quadrado e localizando-se nessa área imensa apenas 25,9% da população. Isto corrobora, para Gourou, o conceito de que “habitualmente, as civilizações atrasadas acompanham-se de densidades fracas”, o que, para nós, é verdade inconcussa, embora possamos contra-argumentar com o exemplo dos países africanos e asiáticos da zona do Equador, que têm densidade populacional alta e civilizações também atrasadas.

Queremos fixar-nos porém nos dados do gráfico 1 em que vemos a evolução dos números absolutos da população através dos Recenseamentos e das unidades políticas.

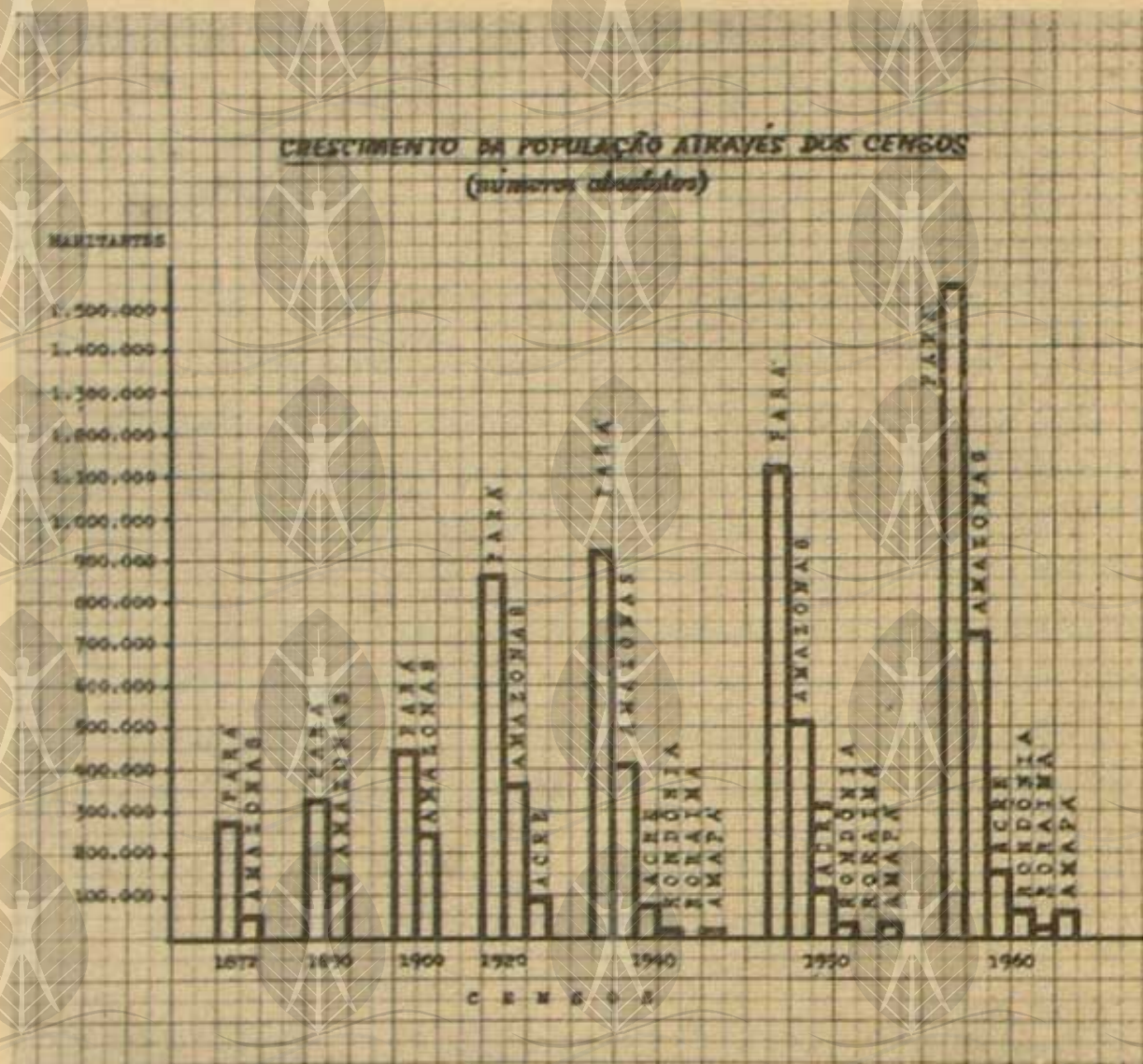


GRÁFICO 1

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO DA AMAZÔNIA (Estados e Territórios), em números absolutos, através dos 7 Recenseamentos realizados no Brasil (de 1872. a 1960)

Entre o 1.º Recenseamento, de 1872, e o último, de 1960, a população do Amazonas aumentou mais de 12 vezes; e a do Pará, 6 vezes. E note-se que os dois Estados foram seccionados, com a criação dos Territórios Federais. Regressão numérica nesses 88 anos, registrou-se apenas duas vezes, no Pará e no Acre, entre 1920 e 1940, quando se acentuou o êxodo dos seringais.

No gráfico seguinte (n.º 2), relativo à taxa de crescimento da população de um Censo para o outro, calculada pelo

autor, está assinalada a corrida para os seringais virgens dos tributários mais distantes, no último quartel do Século XIX, e a redução impressionante dessa taxa de crescimento entre 1920 e 1940. De 1940 em diante assistimos a um revigoreamento populacional. As colunas altas entre 1872 e 1920 se devem à imigração nordestina; as dos últimos 20 anos decorrem evidentemente do crescimento vegetativo da população.

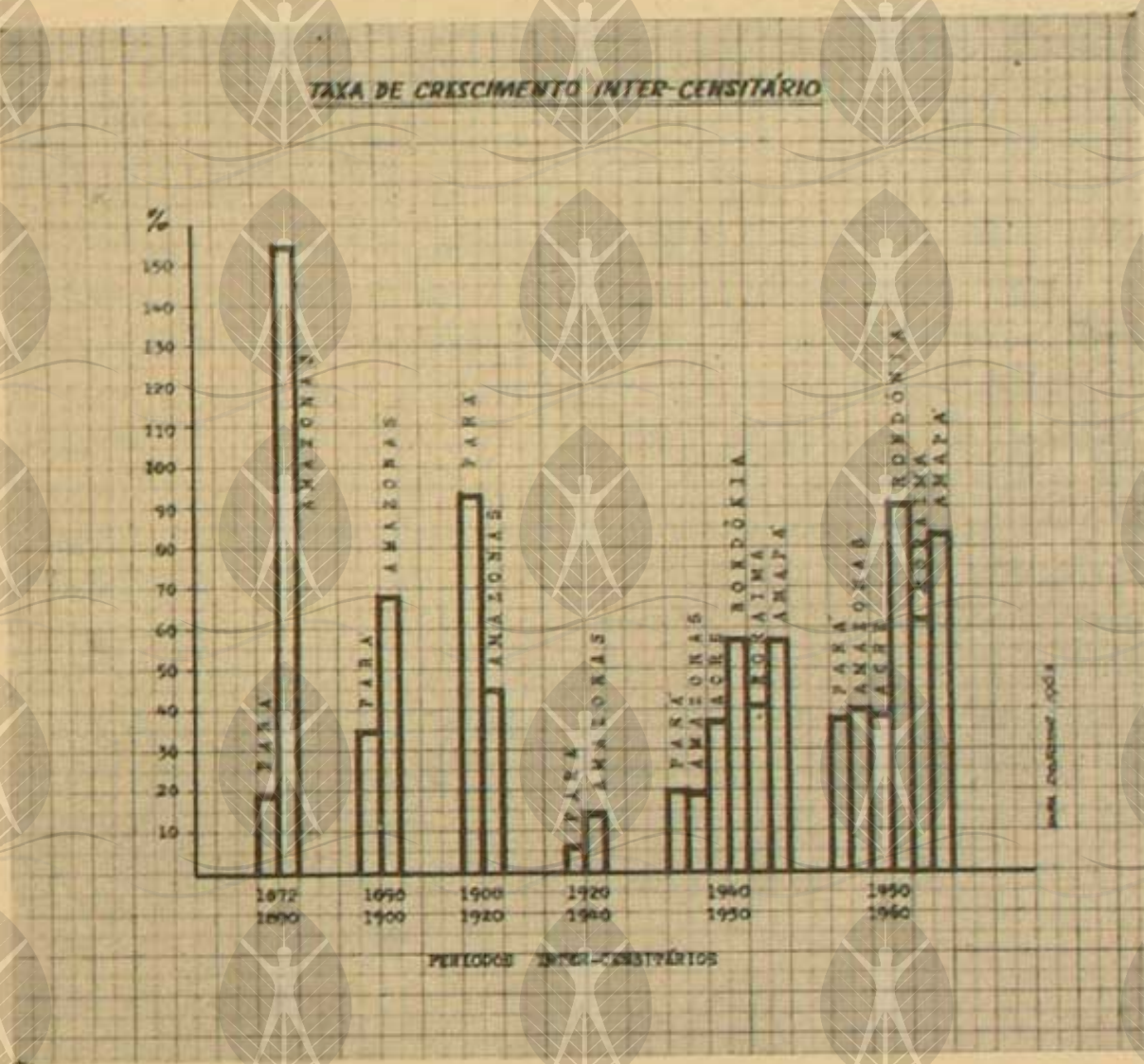


GRAFICO 2

Taxa de crescimento percentual da população da Amazônia (Estados e Territórios) nos períodos intercensitários (de 1872 a 1960).

No gráfico n.º 3, está assinalada comparativamente a evolução da população brasileira e da amazônica, mostrando uma certa correlação entre as duas curvas, exceto no período do *rush* gomífero, quando houve o pico relativo ao crescimento

de 107%, e na fase de depressão, quando a percentagem caiu a 1,6. No último elemento das curvas, nota-se um paralelismo entre a evolução populacional do Brasil e da Amazônia, com ligeira vantagem para a última.

De todos estes dados, inferem-se algumas conclusões importantes: a 1.^a é a relação entre evolução econômica e demografia; depois se patenteia um crescimento vegetativo apreciável, que não se afasta, nos últimos decênios, do crescimento considerado explosivo da população brasileira. O que há, portanto, é a má distribuição da população, concentrada em parte em torno de São Luís, Belém e Manaus, e na ilha de Marajó, e a restante localizada nas margem dos rios, como bem expressa o sugestivo mapa do CNG (gráfico 4).

Tentaremos explicar a persistência do vazio demográfico da Amazônia, invocando algumas razões: não houve imigração sistematizada para a região, apenas a vinda de contingentes humanos derrotados pela seca do Nordeste ou impulsionados pela ambição; essa gente cultural e biologicamente atrasada, da qual temos pessoalmente a honra de descender, só pôde se afirmar através da seleção natural, ou de uma assimilação do *modus vivendi* do homem primitivo da região, que se mantinha graças à disseminação em pequenos grupos sustentados pelos bens naturais e pela agricultura itinerante.

Depois da imigração nordestina, só houve mesmo o contingente dos soldados da borracha, durante a II Grande Guerra, constituído de pouco mais de 20 000 pessoas, que melhor seria não tivessem sido mobilizadas.

DADOS RACIAIS

Não contou muito, na formação da Amazônia, a contribuição direta do negro. O escravo, mesmo, foi o índio, que cruzou porém com o português, sob o estímulo de recomendações do próprio Rei, e depois com os nordestinos, que eram produtos da fusão das três etnias de que se originou o mestiço brasileiro. E foi através especialmente do nordestino que se fez a introdução do sangue negro na planície.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**